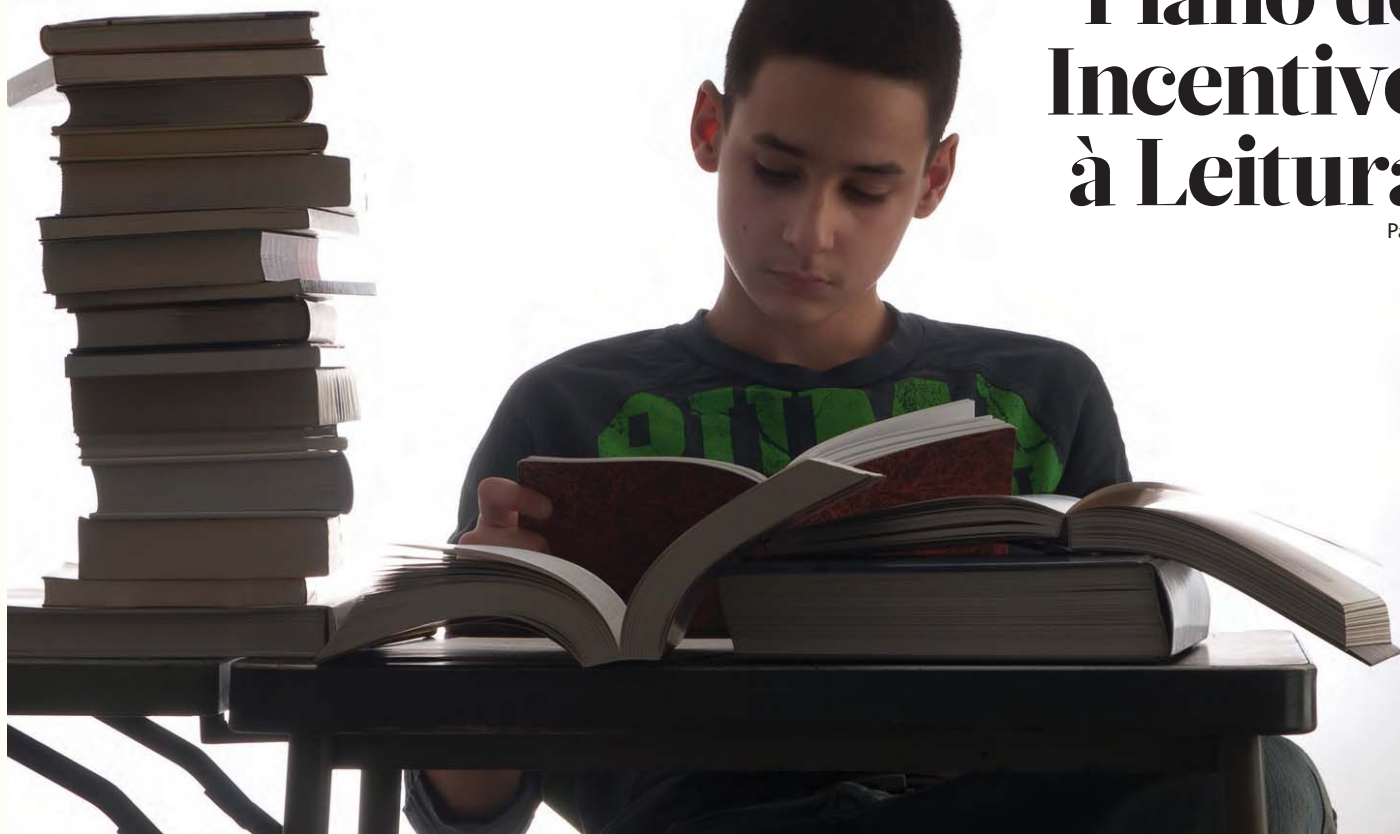


Ensino Português no Estrangeiro Plano de Incentivo à Leitura

Pág.2



Moçambique
Projecto 'Pensas'
sensibiliza alunos
para a ciência

Pág.3

**São Tomé
e Príncipe**
Projecto Escola +
em avaliação

Pág.3

**Exposição
em Boston**
O encontro
entre os
japoneses e os
"bárbaros
do sul"

Pág.4

**'Ano da
Arquitetura
Portuguesa'**
em 10 países

Pág.4

**Portugal
na Feira do livro
de Jerusalém**

Pág.4

Rede EPE Plano de Incentivo à Leitura em marcha

«A necessidade de fomentar o hábito e o gosto pela leitura e de promover a difusão da língua, da cultura e, em especial, da literatura em língua portuguesa entre as crianças e os jovens que frequentam o ensino português no estrangeiro (EPE), está na base do lançamento em 2013 pelo Camões, IP, do Plano de Incentivo à Leitura (PIL).

Trata-se de um projeto que pretende envolver não só alunos e professores, mas também as famílias e as comunidades e, para isso, faz das atividades propostas é fazer encontros com escritores de língua portuguesa para falarem das suas obras.

O primeiro ato público do projeto aconteceu em Paris, a 17 de janeiro, quando as 10 primeiras bibliotecas do PIL foram entregues aos seus destinatários pelo primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, numa cerimónia na Embaixada de Portugal, em que também esteve presente a Presidente do Camões, IP, Ana Paula Laborinho.

Nos objetivos do PIL, segundo um documento relativo à sua preparação, está também a intenção de «potenciar o desenvolvimento de sentidos de pertença a uma cultura de origem ou de herança e a identificação com a língua e a cultura portuguesas» entre o seu público-alvo – os alunos de língua e cultura portuguesa da rede EPE.

O projeto prevê ações de incentivo à leitura junto das crianças e jovens na África do Sul, Alemanha, Andorra, Bélgica, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Luxemburgo, Namíbia, Países Baixos, Reino Unido, Suazilândia, Suíça e Zimbábue.

A rede EPE passou para a tutela do Camões, IP no início de 2010. E, «do diagnóstico que foi feito do estado dessa rede, uma das áreas considerada crítica foi precisamente a da promoção da leitura», diz Rui Vaz, chefe da divisão de programação, formação e certificação (DPFC) da direção de serviços de língua e cultura do Camões, IP. Era uma área «em que não havia nada» – livros, bibliotecas, sem as quais não se pode promover hábitos de leitura –, e em que, «contrariamente ao que acontece em Portugal, as

crianças e os jovens não têm acesso fácil a uma biblioteca em que existam livros em português». No exterior, «quando muito haverá algumas livrarias maiores em grandes cidades, que terão alguns títulos em português, mas, de um modo geral, há uma grande dificuldade de acesso aos livros».

Ao todo vão ser entregues 719 bibliotecas pelos 15 países, bibliotecas cuja existência foi o «pressuposto» de base da elaboração do PIL e que tiveram por detrás «um trabalho prévio, que nunca tinha sido feito, de identificação de um conjunto de obras adequadas àquele público e àqueles níveis etários, tendo por referência o Plano Nacional de Leitura (PNL)» e os «programas para o ensino do português no estrangeiro, que foram entretanto já finalizados», segundo refere o responsável do Camões, IP.

IDENTIFICAÇÃO

Tendo por base aqueles dois eixos – o segundo dos quais, relativo aos programas, existe pela primeira vez na história do ensino português no estrangeiro –, «foram identificadas junto da rede quais as escolas que tinham condições de acolher estas bibliotecas, porque, obviamente,



se não houver condições nas escolas – e haverá sempre algumas em que não haverá condições para ter os livros ‘bem instalados’ – elas não serão enviadas», refere. Esse trabalho de identificação de escolas, bibliotecas locais e associações comunitárias para acolhimento dos livros foi feito por 9 coordenações de ensino da rede EPE em cada uma das áreas sob a sua responsabilidade.

Os 40 a 50 títulos incluídos em cada uma das bibliotecas (mais de 30 mil livros ao todo) foram selecionados tendo em conta dois parâmetros: o nível etário e a proficiência linguística. «A seleção de acordo com os níveis etários estava feita, e muito bem,

pelo PNL», sendo assim os livros dirigidos a 3 grupos distintos: 5-7 anos, 8-10 anos e 11-15 anos. Dada a especificidade da rede EPE, «foi depois feito um trabalho sobre esses títulos, tentando encontrar os mais adequados para cada nível de proficiência» na língua portuguesa. As bibliotecas estão assim organizadas combinando grupo etário e nível de proficiência.

A «resistência dos editores» a publicar títulos em formato digital, receosos do que aconteceu à indústria musical, explica no entender de Rui Vaz – também responsável pelo Centro Virtual Camões (CVC), a plataforma de ensino a distância do Camões, IP – por que razão não foi possível encargar um projeto como o PIL numa base digital, eventualmente com maior economia de meios. Apesar da multiplicação dos tablets e dos leitores eletrónicos de livros, são escassos os títulos em formato digital, tanto no âmbito do PNL como da Biblioteca Digital Camões. «Se tivéssemos uma situação como a da língua inglesa, que tem numerosos títulos publicados em livros eletrónicos, podíamos sentar-nos com as editoras e negociar, mas se não existem os títulos em formato digital, o que é que se faz?», pergunta, admitindo, contudo, que talvez «daqui a cinco anos seja possível fazer um projeto só digital».

FORMAÇÃO

Mas o PIL não se esgota na seleção dos livros e no seu envio. «Isso seria porventura o mais fácil. Comprar as bibliotecas e enviá-las». Ao longo de 2013 será desenvolvido um conjunto de atividades que passam por formação específica para os professores da rede EPE, assim

como projetos articulados em três eixos: família, escola, comunidade.

A formação, creditada como contínua, arranca durante o segundo semestre do presente ano letivo (março) através de cursos a distância ministrados no âmbito do CVC, abertos a todos os docentes da rede EPE. Trata-se de «ajudar os professores a terem um papel mais ativo na dinamização de hábitos de leitura», nomeadamente naquelas três áreas em que se articula o projeto de intervenção.

«Obviamente que o professor não pode ir a casa das pessoas obrigá-las a ler». Mas, «se o aluno levar para casa livros, através de projetos como a biblioteca escolar, a troca de livros, etc., está criado o pretexto para trazer projetos que solicitem a intervenção do encarregado de educação, ou inclusivamente, chamando os encarregados de educação à escola para lerem, partilharem leituras e experiências de leitura». São assim «trazidas para o meio da família questões relacionadas com a leitura que, neste momento, provavelmente não ocupam lugar nem têm existência», considera o chefe da DPFC.

Uma outra faceta particularmente apelativa do PIL passa por dinamizar a ida de escritores de língua portuguesa a algumas das muitas escolas envolvidas para permitir o contacto direto entre autores e leitores.

Uma panóplia de ‘concursos de leitura’, ‘círculos de leitura’, feiras do livro e ‘semanas de leitura’ completa o arsenal de sugestões para dar corpo a um dos mais importantes projetos da rede EPE em 2012/2013. JL



Bibliotecas do Plano de Incentivo à Leitura

Moçambique Projeto 'Pensas' sensibiliza alunos para a ciência

■ As Competições Regionais de Ciência (CRC), envolvendo alunos do ensino secundário de Moçambique, vão ser alargadas em 2013 a 3 novas cidades do país, somando-se às 4 que se realizaram em 2012 e que mobilizaram 600 alunos.

As competições fazem parte da ação desenvolvida pelo 'Pensas' – um projeto de cooperação surgido há sete anos com o objetivo melhorar a qualidade do ensino da matemática em Moçambique, através da formação de professores, e que depois se alargou à língua portuguesa e, mais recentemente, à sensibilização dos alunos para a ciência.

O projeto, que envolve numa parceria a Universidade de Aveiro, o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (CICL) e o Ministério da Educação de Moçambique (MINED), vai também em 2013 ampliar a rede dos chamados Círculos de Interesse de Matemática (CIM), testados em 2012 em escolas da Beira (a 2ª mais importante cidade de Moçambique, que acolhe no Colégio Académico da Beira o centro-sede do 'Pensas') e que serão neste novo ano replicados no resto do país, segundo a assessoria de imprensa do projeto.

Os CIM inserem-se na promoção do gosto pela matemática iniciado em 2012, em resultado de um apelo das autoridades moçambicanas no sentido da «sensibilização das escolas secundárias do país para a necessidade de melhorar o desempenho de todos os intervenientes do ensino/aprendizagem da disciplina de matemática». Trata-se, segundo

o projeto, de «espaços de trabalho prático, oficinas, onde professores e alunos podem explorar a matemática, desde a sua história a curiosidades, jogos didáticos e resolução de problemas», numa abordagem descrita como «interativa e atrativa» e «complementar ao trabalho da sala de aula».

A ampliação dos CIM começou já em Maputo, a capital moçambicana, em julho de 2012, com três escolas a acolherem uma equipa do 'Pensas' e irá continuar a partir deste mês nas várias capitais de província que acolhem os centros 'Pensas'.

Já as CRC, cujos prémios de 2012 receberam o apoio do CICL, são um «conjunto de provas nas áreas da língua portuguesa e matemática que os alunos realizam durante um dia, através de uma plataforma web», para as quais se vão preparando ao longo do ano. O objetivo, diz o projeto, «é a promoção do gosto por estas áreas do saber, aliando ao uso das tecnologias a ludicidade e o espírito competitivo dos alunos». No próximo ano, às cidades da Beira, Inhambane, Quelimane e Nampula juntar-se-ão Lichinga, Chimioio e Pemba e os alunos com os melhores resultados entre os vencedores das CRC de 2012 virão a Portugal, em abril próximo, participar nas competições nacionais realizadas pela Universidade de Aveiro há mais de duas décadas.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Trabalhando em estreita colaboração



com o MINED em Maputo e nas províncias, o projeto 'Pensas', que tem como coordenador-geral o professor António Batel, da Universidade de Aveiro, assenta, enquanto estrutura em Moçambique, numa rede de centros em todas as províncias – à exceção de Maputo, que alberga uma parte considerável da oferta formativa do país –, equipados com computadores e ligação à Internet.

É nestes centros, acolhidos por escolas, que é dada formação a professores do Ensino Secundário e dos Institutos de Formação de Professores, explica a assessoria de imprensa do 'Pensas'. Cada ação de formação dura 20 horas e versa sobre conteúdos de Língua Portuguesa e de Matemática, que variam a cada nova intervenção, sempre com uma forte componente tecnológica.

Os responsáveis do projeto sublinham o facto de essa formação recorrer a uma plataforma criada para o efeito – a Plataforma de Ensino Assistido (PEA) – que «funciona como espaço de partilha para os professores envolvidos, onde são disponibilizados os manuais da formação, outras atividades e conteúdos

educativos criados pela Universidade de Aveiro» que podem ser utilizados pelos professores com os seus alunos no contexto da sala de aula.

Anualmente, uma equipa de formação percorre os Centros 'Pensas'. Até à data, foram realizadas 31 ações de formação de Língua Portuguesa e Matemática, envolvendo 620 professores, numa ação cujo impacto indireto se reflete em mais de 200 mil alunos do universo de 6 milhões de alunos existentes em todo o sistema de ensino moçambicano.

Em 2013, estão previstas mais seis formações de Língua Portuguesa e seis formações de Matemática, cada uma para 20 professores, esperando-se que sejam abrangidos um total de 240 professores, 120 de cada área.

Mesmo na ausência da equipa de formação, os centros 'Pensas' estão abertos e podem ser utilizados pelos professores. Aí podem aceder à Internet e à plataforma do projeto, dando «continuidade à formação recebida», «fazendo uso dos materiais disponibilizados e trocando impressões com outros professores» e mantendo o contacto com a equipa formadora.

Quanto custa o 'Pensas'?

O orçamento do projeto 'Pensas', nascido em 2006 com o apoio da Universidade de Aveiro (UA), tem variado desde a sua criação, dizem os seus responsáveis. O antigo IPAD – atual Camões, IP – apoia o projeto desde 2008: nos dois primeiros anos contribuiu com cerca de 80 mil euros por ano e, a partir de 2010, refletindo o alargamento das áreas de intervenção do 'Pensas', com 120 a 150 mil euros, dependendo dos planos de atividades. A estes valores acresce o apoio da UA, em montantes variáveis e difíceis de contabilizar, nomeadamente com a disponibilização do seu pessoal e de conteúdos por ela criados.

A formação pós-graduada é outras das áreas de intervenção do projeto que, anualmente, abre – numa parceria do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro com a Universidade do Lúrio, uma instituição do ensino superior público criada no norte de Moçambique em 2006 – novas edições do Curso de Especialização e do Mestrado em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa, com «uma relevante adesão por parte dos alunos», na expressão da assessoria de imprensa.

Funcionando em regime de *b-learning*, com «fases presenciais intensivas (em Moçambique) complementadas com trabalho à distância», o curso e o mestrado registaram um total de 175 matrículas nas 3 edições do curso de especialização e nas 2 edições do mestrado já realizadas.

A equipa do projeto é constituída por seis elementos, para além do coordenador-geral, a que se juntam vários docentes dos Departamentos de Línguas e Culturas e Matemática da Universidade de Aveiro, bem como todo a equipa do Projeto 'Matemática Ensino' da UA. JL

São Tomé e Príncipe Projeto 'Escola +' em avaliação

■ Perceber até que ponto o 'Escola +' introduziu «mudanças no sistema educativo de São Tomé e Príncipe, nas suas diversas vertentes, contribuindo para a criação de uma atmosfera de credibilidade e organização» é o primeiro objetivo da avaliação externa de que vai ser alvo o projeto de dinamização do ensino secundário naquele país africano de língua oficial portuguesa – desenvolvido pelo Instituto Marquês de Vale Flor e financiado pelo Camões, IP (anteriormente IPAD) desde 2009/2010 e realizado em parceria com o Ministério da Educação e Cultura de São Tomé e Príncipe –, cujos termos

de referência foram divulgados.

Outro objetivo da avaliação, a realizar no ano letivo de 2012/2013, é «aferir até que ponto há integração e articulação entre as diversas organizações que executam as várias intervenções na área da educação» em São Tomé e Príncipe.

A avaliação visa ainda apreciar o contributo da cooperação portuguesa no reforço das capacidades do 'Sistema de Ensino de São Tomé e Príncipe', isto é, em que medida o objetivo específico da intervenção – promover o ensino da língua portuguesa através do reforço do ensino secundário – foi atingido e

contribuiu para o objetivo global.

Segundo o documento que enuncia os termos de referência, o Escola +, que teve um financiamento global de cerca de 4,7 milhões de euros nos seus quatro anos, apostou «numa lógica de formação e capacitação dos professores santomenses em detrimento de uma lógica de lecionação direta».

O projeto atuou, assim, «ao nível da adaptação e diversificação dos currículos escolares, da disponibilização de manuais escolares, da criação de um Centro de Recursos e Formação, do reforço das competências técnicas dos professores, da melhoria das condições de trabalho e da capacidade de gestão e, ainda, da melhoria das condições do parque escolar».

Globalmente, a avaliação pretende «identificar os resultados da intervenção» e «facultar recomendações que permitam melhorar intervenções futuras no setor da

educação», bem como «contribuir para a aprendizagem e aumento/produção de conhecimento sobre este setor da cooperação».

Especificamente, a avaliação deverá debruçar-se sobre 9 tópicos, a saber: parque escolar e reabilitação das escolas; formação/capacitação de agentes de educação; cursos profissionalizantes; caracterização/diagnóstico do ensino secundário (antes e depois do projeto); plano operacional de intervenção; capacitação da gestão e do acompanhamento do sistema educativo; equipamentos e apoio documental; atualização dos currículos e manuais escolares; apropriação e sustentabilidade.

Descrevendo o contexto do projeto, o documento refere que «o setor da educação é uma das áreas prioritárias da cooperação portuguesa com São Tomé e Príncipe» e que «o Escola + integra o Programa Indicativo de Cooperação (PIC)

2008–2011, que se mantém ainda em vigor até à assinatura de um novo documento, cujas negociações estão em curso».

O documento adianta ainda que, «desde a assinatura do PIC 2008–2011, a situação económica e financeira portuguesa alterou-se, colocando novos desafios à cooperação face às restrições orçamentais que visam o cumprimento da redução da despesa pública a que o país está vinculado» e que «no que a São Tomé e Príncipe diz respeito, o crescimento económico abrandou de forma significativa desde 2009, devido aos efeitos da crise internacional, que se manifestaram sobretudo na queda acentuada do investimento direto estrangeiro e no atraso da ajuda externa».

São Tomé e Príncipe está classificado como um país de rendimento médio-baixo e ocupa a 127ª posição, em 169 países, no Índice de Desenvolvimento Humano (2011). JL

‘Ano da Arquitetura Portuguesa’ em 10 países

¶ O ‘Ano da Arquitetura Portuguesa’ 2013 vai levar programação a 10 países e envolver ações na rede de embaixadas portuguesas e dos organismos ligados à língua, ao turismo e à economia, entre os quais o Camões, IP.

Exposições, instalações, conferências e projetos de conservação de património fazem parte de um programa que irá ser apresentado na Alemanha, Espanha, Reino Unido, Sérvia, Irlanda, Guiné-Bissau, Brasil, Moçambique, Argentina e Marrocos no quadro do Ano da Arquitetura Portuguesa’ 2013, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, juntamente com a AICEP - Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal e o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, e apresentado em janeiro passado.

Entre as ações elencadas está, segundo a Agência Lusa uma exposição, que decorrerá em março, em Berlim, com obras de Álvaro Siza Vieira, mas também de outros criadores portugueses das artes plásticas, como Paula Rego e Adriana Molder. Na Argentina, no mesmo mês, na embaixada de Portugal, em Buenos Aires, estará patente a exposição *Qué ven los que no ven?*, do arquiteto Carlos Mourão Pereira. No Brasil, ainda em março, será apresentada uma instalação dos arquitetos Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, no Pavilhão Temporário do Parque Ibirapuera, em São Paulo, no âmbito do Ano de Portugal no Brasil. Na Irlanda, em maio, Souto de Moura e o fotógrafo Fernando Guerra vão proferir uma conferência, e o mesmo arquiteto, também com Siza Vieira, vão estar em destaque na Sérvia, em junho, na Universidade de Belgrado, e no evento de arquitetura portuguesa na *Belgrade Design Week*.

Na apresentação da iniciativa, em janeiro, Ana Paula Laborinho, Presidente do Camões, IP, falou na disponibilidade do Instituto para «levar as marcas da arquitetura portuguesa aos espaços tutelados, como centros culturais e de língua portuguesa» espalhados pelo mundo.

O secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, sublinhou que o objetivo é, em 2013, «destacar a área da arquitetura, concentrando esforços de várias entidades públicas e da sociedade civil», num trabalho que pretende «ser útil ao país». «A arquitetura portuguesa é, sem dúvida, um dos grandes ativos contemporâneos portugueses, na qual Portugal se tem destacado internacionalmente nos últimos anos», acrescentou Barreto Xavier, que referiu ser intenção do Governo destacar anualmente uma área. Em 2014 será o *Design* e, em 2015, o Cinema.

Além da Ordem dos Arquitetos, a iniciativa vai envolver igualmente a Trienal de Arquitetura de Lisboa, a Associação Estratégia Urbana, a Casa da Arquitetura de Matosinhos, e arquitetos como Alcino Soutinho, João Mendes Ribeiro e José Mateus. **JL**

Portugal na Feira do Livro de Jerusalém



¶ Portugal será um dos mais de 30 países representados na XXVI edição da Feira Internacional do Livro de Jerusalém, com início a 10 de fevereiro. Ao longo de cinco dias, a língua portuguesa será promovida através da presença de autores como os angolanos José Eduardo Agualusa e José Luís Mendonça, os brasileiros Milton

Hatoum e João Gilberto Noll e os portugueses Lúcia Jorge e José Luís Peixoto. «A participação Portuguesa na Feira está a ser uma das mais aguardadas devido ao prestígio de que goza em Israel a literatura de Portugal, que conta com numerosos autores traduzidos para hebraico e vários livros prestes a serem publicados», diz Fernando Ferreira da Silva, conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em Israel.

Uma novidade na edição de 2013 da Feira é o formato da participação lusófona, através da criação de uma parceria entre as embaixadas de Angola, Portugal e Brasil. Esta parceria tem como objetivo não só a partilha de recursos, mas também «a criação de uma plataforma destinada a sublinhar a importância do português como uma língua internacional, que, através da sua vocação natural para acomodar uma imensa diversidade de culturas e expressões literárias – respeitando a sua identidade e originalidade –, constitui hoje um fator de união entre povos e culturas de diferentes países, nos quatro cantos do mundo», afirma Fernando Ferreira da Silva.

A par de Portugal, a feira conta com a participação de autores e editores de mais de 30 países. Cerca de 600 editoras, israelitas e estrangeiras, estarão representadas nos diversos pavilhões do recinto da feira, expondo aproximadamente 100 mil livros, escritos em mais de uma dezena de línguas.

No programa de atividades previstas encontram-se seminários e simpósios, subordinados a temas do mundo editorial, e encontros entre escritores israelitas e estrangeiros.

Um dos principais destaques vai para a entrega do Prémio Jerusalém – que distingue o autor que melhor exprima e promova a ideia da liberdade do indivíduo na sociedade –, atribuído em 2005 ao escritor português António Lobo Antunes. Nas duas edições anteriores, 2009 e 2011, os galardoados foram Haruki Murakami e Ian McEwan, respetivamente.

Exposição em Boston O encontro entre os japoneses e os “bárbaros do sul”



Pormenor de biombo Namban (Nanban byōbu) Japão, c.1620-1640 Asian Art Museum, São Francisco. Coleção Avery Brundage

¶ É a exposição do ano sobre Portugal e a sua história nos Estados Unidos. Depois das tapeçarias de Pastrana, em 2012, que correram vários museus norte-americanos, desta feita o McMullen Museum of Art, de Boston, apresenta, entre 16 de fevereiro e 2 de junho, a exposição *Portugal, Jesuits, and Japan: Spiritual Beliefs and Earthly Goods*, tendo como chamariz os famosos biombos *namban*.

A iniciativa do Museu, que tem o apoio do Camões, IP, «visa apresentar ao público norte-americano a interação estabelecida entre os Portugueses e outros os povos da Europa do Sul (denominados no Japão de então de *namban-jin* ou ‘bárbaros do sul’), e os japoneses no período compreendido entre c.1542-c.1640», escreve numa nota sobre a exposição Alexandra Curvelo, do Museu Nacional do Azulejo.

Juntamente com Victoria Weston (Boston College), Alexandra Curvelo, também da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é co-comissária do projeto da exposição, que é dirigido por Nancy Netzer, diretora do McMullen Museum, e que conta com «um vasto corpo de consultores científicos que irão, na sua maioria, contribuir com textos para um livro/catálogo a ser publicado pela Oxford University Press», entre os quais Pedro Moura Carvalho, do Museu das Civilizações Asiáticas, em Singapura.

O Japão, que se incluía na esfera do Estado português da Índia, «foi porém um território onde as Coroas portuguesa e ibérica nunca estiveram presentes», diz Alexandra Curvelo. «Fidalgos, mercadores e

missionários, sobretudo Jesuítas, foram os verdadeiros agentes de um diálogo que se manifestou nos domínios artístico, religioso, linguístico, político e económico».

A exposição, que será inaugurada a 15 de fevereiro de 2013 com a presença do embaixador de Portugal nos Estados Unidos, Nuno Brito, examina o intercâmbio cultural, de meados do século XVI a meados do século XVII, através da circulação de mercadorias em navios portugueses que levavam mais de quatro anos para viajar de Portugal ao Japão e voltar, com escalas prolongadas na Índia e na China, refere o sítio da exposição. «Central à narrativa são os sete magníficos biombos japoneses que descrevem os encontros com os chamados *namban-jin* (‘bárbaros do sul’), que eram principalmente comerciantes portugueses e missionários jesuítas», acrescenta o sítio do museu norte-americano.

A mostra «explora as transformações nas esferas política, cultural, artística, tecnológica e linguística do Japão durante a presença dos *namban-jin* – desde a chegada dos portugueses (c. 1543) e a introdução do cristianismo por São Francisco Xavier (1549), até à expulsão dos portugueses em 1639. *Portugal, Jesuits, and Japan* destaca um período de internacionalismo que deu lugar à insularidade japonesa, após a partida dos portugueses».

Peças de numerosos museus

«Os diferentes núcleos que formam a exposição incidem sobre a forma como foi percebida pelos Japoneses a presença dos *namban-jin* no Japão, as trocas realizadas, a circulação de produtos e saberes, o

diálogo civilizacional estabelecido e as circunstâncias históricas que marcaram quase um século de uma história de estreita interconexão», afirma por seu lado a especialista portuguesa.

A exposição – «uma narrativa visual», na expressão de Alexandra Curvelo – inclui cerca de sessenta e oito peças pertencentes a coleções públicas e privadas norte-americanas (Museum of Fine Arts, Boston; Peabody Essex Museum; Metropolitan Museum of Art; Asia Society; Asian Art Museum, San Francisco; Mary and Jackson Burke Foundation; The Art Institute of Chicago; Los Angeles County Museum of Art; Berkeley Library; Harvard Map Library; Huntington Library) e portuguesas (Museu Nacional de Arte Antiga; Museu Nacional Soares dos Reis; Museu de São Roque; Museu do Oriente; Biblioteca Nacional de Portugal; Torre do Tombo; colecionadores privados).

Muitos tipos de objetos figurados nos biombos serão expostos, incluindo mobiliário japonês laboriosamente decorado, peças lacadas, equipamento militar, cerâmica indiana e chinesa, têxteis e pinturas de artistas japoneses formados pelos jesuítas. «Juntamente com mapas europeus e japoneses raros, os artefactos e os biombos narram uma história mais ampla do que a documentada nos textos contemporâneos», lê-se no sítio do museu.

O McMullen Museum of Art, que reabriu em 1993 após obras de remodelação, tem promovido exposições que resultam da colaboração dos profissionais dos museus com investigadores universitários, numa linha que traduz, segundo Alexandra Curvelo, «a estreita ligação do próprio museu com o Boston College, uma prestigiada universidade norte-americana». Salientam-se, entres outras, as seguintes exposições já realizadas: *Saints and Sinners: Caravaggio and the Baroque Image* (1999); *Eduard Munch* (2001); *Roberto Matta* (2004); *Dura Europos: Crossroads of Antiquity* (2011).

Dentro de um espírito de diálogo e cooperação, o museu privilegia «as abordagens interdisciplinares que visam contribuir com novas perspectivas para o estudo e a divulgação da arte e da cultura». **JL**



Camões, IP

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@instituto-camoes.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Margarida Duarte

COLABORAÇÃO Carlos Lobato